
Paisagens do passado no sul de Minas: os ambientes rurais regionais e sua transformação pelo avanço da cafeicultura (décadas de 1870-1920)¹

Landscapes of the past in southern Minas Gerais:
the regional rural environments and its transformation by the
advance of coffee planting (decades of 1870-1920)

Marcos Lobato Martins*

Resumo

Este artigo reconstitui aspectos dos ambientes do passado no Sul de Minas, especialmente na bacia do Sapucaí, no período entre as décadas de 1870-1920, época de transição da produção diversificada de mantimentos para a agroexportação cafeeira. As paisagens rurais regionais e suas transformações provocadas principalmente pela cafeicultura constituem o foco da investigação, a qual lança mão de fontes diversas: relatos de viajantes-naturalistas dos séculos XIX e XX, textos de memorialistas da região, matérias da imprensa regional, relatórios governamentais, inventários, testemunhos de antigos moradores e observações de trabalho de campo.

Palavras-chave: Ambientes pretéritos. Paisagens agrárias. História Ambiental. Sul de Minas. Alfenas.

Abstract

This article reconstructs aspects of the environment of the past in Southern Minas Gerais, especially in the Sapucaí river basin between the decades of 1870-1920, a time of transition from the diversified production of foodstuffs towards coffee export. The regional rural landscapes and their transformations constitute the focus of the investigation, which is based on various sources: narratives of naturalist-travelers of the 19th and 20th centuries, regional chroniclers' texts, regional press, official reports, inventories, testimonies of former residents and field work observations.

Keywords: Past environments. Agrarian landscapes. Environmental History. Southern Minas Gerais. Alfenas.

1 O autor agradece a FAPEMIG pelo financiamento do projeto "As transformações do campo sul-mineiro na virada para o século XX: a transição da agricultura diversificada para a agroexportação do café".

* Doutor em História Econômica pela USP. Professor da Faculdade Interdisciplinar de Humanidades (FIH) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Campus Diamantina. E-mail: lobatohistoria@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo investiga as configurações ambientais e as sucessões de paisagens na porção sudoeste de Minas Gerais, fazendo a descrição das características fisiográficas dos espaços naturais e das transformações que os afetaram na virada do século XIX para o século XX em decorrência do avanço da fronteira agrícola, do povoamento na região e da gradual introdução da cafeicultura nestas terras. O foco é a *paisagem agrária* entre as décadas de 1870 e 1920, particularmente no território da antiga Vila de Alfenas.

Aqui, por paisagem agrária se entende um espaço construído por um conjunto de configurações relativamente estáveis que, nas zonas rurais, combinam determinados usos das terras, modos de exploração agrícola e recursos naturais com a materialização de práticas, habilidades, conhecimentos, instrumentos e formas de trabalho.²

O recorte espacial tomou o Sul de Minas como limite mais abrangente das áreas investigadas. Contudo, o artigo tem como foco a área da antiga Vila de Alfenas e seu entorno na década de 1860, notadamente as terras banhadas pelo rio Sapucaí e seus principais afluentes, o que incluiu porções dos antigos municípios de Itajubá, Pouso Alegre, Três Pontas e Passos.

O recorte temporal abrange o período compreendido pelos anos 1870 a 1920, época da transição da agricultura escravista diversificada de abastecimento para a agroexportação cafeeira baseada no trabalho livre. Nesse intervalo temporal, houve o mesmo conjunto de forças históricas operando na região, gerando bem definidas “formas de organização do espaço, estruturas, fluxos, tensões, direções, limites, centralidades e periferias”.³ A década de 1870 contém as primeiras notícias da exploração comercial de café no Sul de Minas, bem como assinalou o início do deslocamento das relações econômicas regionais para o mercado paulista. No decorrer do último quartel do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a região se tornou a área mais dinâmica de Minas Gerais.⁴ A face política desse processo, simbolizada pela figura de Silviano Brandão, foi a hegemonia sul-mineira no governo estadual entre meados dos anos 1890 e fins da década de 1910, razão pela qual o marco final é a década de 1920, uma vez que a cafeicultura já se consolidara como atividade econômica regional principal.

2 CLAVAL, P. *Terra dos homens: a geografia*. São Paulo: Contexto, 2010.

3 BESSE, J. M. *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 65.

4 SAES, A. M.; MARTINS, M. L. (Org.). *Sul de Minas em transição: a formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru: Edusc, 2012.

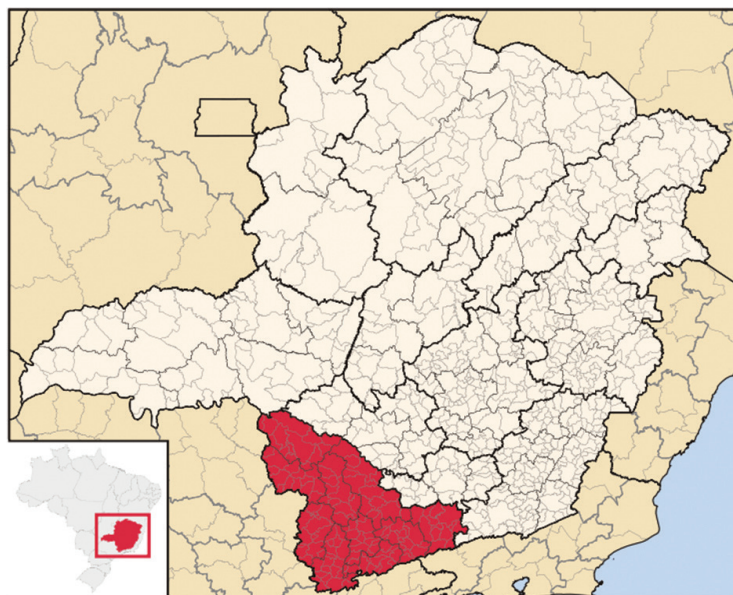


Figura 1 – O Sul de Minas e o antigo município de Alfenas nas décadas de 1860-1870

As fontes empregadas incluem documentos cartorários, textos de viajantes-naturalistas e de memorialistas locais, jornais e almanaques de época e relatórios governamentais. Também se lançou mão do trabalho de campo, uma vez que as próprias paisagens regionais de hoje são documentos que revelam algo sobre sua formação. É preciso “ir ver”, porque, como argumentou E. Ardaillon, “nada substitui a visão e o estudo direto dos fenômenos sobre o terreno. O observador exercitado pode ali captar as relações múltiplas entre os fatores físicos e o homem, que escapam à descrição livresca ou à representação cartográfica”.⁵ Diversas áreas rurais e fazendas antigas, especialmente nos municípios de Alfenas, Areaado, Carmo do Rio Claro e Três Pontas foram visitadas, pacientemente percorridas e fotografadas.

2 A RECONSTITUIÇÃO DE PAISAGENS DO PASSADO

Na História Ambiental, um dos objetivos mais comuns das pesquisas é descrever e investigar paisagens pretéritas.⁶ Até meados do século XX, os historiadores brasileiros deram atenção somente à descrição do espaço geográfico, esboçando paisagens como apoio a seus relatos. Dessa maneira, aparecem paisagens em Adolfo Varnhagem, Capistrano de Abreu e Caio Prado Júnior, exclusivamente referidas às formas de apropriação e exploração de recursos naturais.⁷ Porém, na obra de Sérgio Buarque de Holanda as paisagens receberam tratamento mais sofisticado.⁸ O espaço geográfico surge como uma série de quadros naturais transformados pela ação do homem e da própria natureza e é integrado à trama da narrativa histórica. Em *Visão do Paraíso*, por exemplo, Sérgio Buarque demonstra que os cenários naturais sugeridos pela documentação histórica contêm mais informações do que os que são apenas visualizados. Gilberto Freyre analisou as relações entre sociedade e natureza no Nordeste açucareiro, enfatizando dimensões objetivas e subjetivas das

5 A citação de E. Ardaillon está em BESSE, J. M. *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*, 2006. p. 73.

6 CORRÊA, D. S. História ambiental e a paisagem. *HALAC*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 47-69, set. 2012/fev. 2013.

7 VARNHAGEM, F. A. *História geral do Brasil*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962, t. 1. ABREU, C. de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988. PRADO JÚNIOR, C. *Formação do Brasil contemporâneo*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

8 HOLANDA, S. B. de. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. *Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. *Monções*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

interações entre o homem, a terra, os rios, a flora e a fauna no universo dos engenhos, em uma obra de história ambiental *avant la lettre*.⁹

Recentemente, a paisagem não é tratada pelos historiadores como mero cenário externo, anistórico e passivo, mas como construção social, produto da coevolução das sociedades humanas e do meio natural, manifestação espacial da relação entre homem e ambiente. Assim, por exemplo, Rogério Ribeiro de Oliveira e Carlos Engermann afirmam: “A floresta Atlântica, tal como a conhecemos hoje, pode ser interpretada como um documento histórico que potencialmente evidencia e descreve – em numerosos de seus atributos – a resultante da interação de seres humanos com o ecossistema”.¹⁰ Nessa perspectiva, eles analisam as marcas da história na paisagem dos maços da Tijuca e da Pedra Branca, no Rio de Janeiro, impressas pelos antigos engenhos, pelo fogo, pelo machado, pela enxada e pela poluição gerada na metrópole contígua, centrando o esforço analítico nas transformações da dimensão material da paisagem florestal.

Uma ênfase distinta existe no trabalho de Regina Horta Duarte sobre ambiente urbano, pois nele a paisagem é abordada, sobretudo, como percepção, configurando uma visualização de um conjunto de materialidades (avenidas, árvores, matos ralos, cafuas, automóveis, edifícios etc.) que é interpretada por quem a observa a partir de seu cotidiano e lugar social.¹¹ Por isso, nos anos 1960, o corte dos fícus pela prefeitura da capital mineira – que alegava a infestação das árvores por insetos de origem asiática – provocou impactos afetivos, sociais e políticos, uma vez que a imagem da Avenida Afonso Pena com suas grandes árvores se tornara um importante elemento identitário da classe média local.

Já o trabalho de Gilmar Arruda tenta encontrar uma síntese entre as duas perspectivas anteriores ao abordar o sertão.¹² O sertão é, para Arruda, uma paisagem que resulta da leitura objetiva do espaço, filtrada pela subjetividade, pela cultura e pelos sentimentos. O sertão é o resultado da história e das particularidades culturais locais, possuindo um importante papel na construção dos mitos identitários brasileiros. Arruda estudou as áreas pouco exploradas de São Paulo, do Norte do Paraná e do Mato Grosso, especialmente

9 FREYRE, G. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

10 OLIVEIRA, R. R.; ENGERMANN, C. História da paisagem e paisagem sem história: a presença humana na floresta Atlântica do sudeste brasileiro. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 18, n. 25, p. 5-31, 2011. A citação está na p. 12.

11 DUARTE, R. H. À sombra dos fícus: cidade e natureza em Belo Horizonte. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 25-44, 2007.

12 ARRUDA, G. *Cidades e sertões: entre história e memória*. Bauru: Edusc, 2000.

a formação da cidade de Campo Grande, destacando as práticas de “governamentalidade” orientadas para as populações do sertão na Primeira República, baseadas na dicotomia “sertão atrasado e rústico” versus “cidade moderna e civilizada”. O pesquisador mergulhou nas representações espaciais presentes nas memórias, principalmente nas dos atores encarregados de integrar o sertão ao país – médicos, engenheiros e jornalistas. Para essas “autoridades competentes” na remodelação das paisagens, civilizar o sertão significava mapear e espalhar cidades, telégrafos, ferrovias e trabalho assalariado, porque o sertão era “deserto, despovoado, coberto por matas sombrias de onde surgiam rumores misteriosos, porém belo, rico em potencial, esperando somente a operosidade do homem civilizado por despertá-lo do sono em que dormia”.¹³

No Brasil, os estudos sobre o avanço da fronteira agrícola e seus impactos ambientais também são marcados pela presença das duas abordagens citadas anteriormente. Há investigações que se concentram na maneira como forças, técnicas e processos econômicos transformaram drasticamente as paisagens de determinadas regiões, das quais são exemplos os trabalhos de Warren Dean sobre a destruição da Mata Atlântica, de José Augusto Drummond sobre os impactos ambientais do café no Rio de Janeiro e de Haruf Salmen Espíndola e Ivan Jannotti Wendling sobre a força do capim-colonião na configuração do território do rio Doce.¹⁴ Outros trabalhos estão mais preocupados com a “cultura da natureza” e as percepções dos colonos na faina cotidiana de formação dos espaços rurais, tal como o texto de Ely Bergo Carvalho e Eunice Sueli Nodari sobre o desmatamento e a formação de paisagens agrárias no Paraná.¹⁵

Neste artigo, a opção foi a de privilegiar a materialidade da paisagem e de suas transformações, adotando-se a *démarche* inspirada na Geografia Histórica de Carl Ortwin Sauer, com marcantes influências franco-germânicas.¹⁶ Para Sauer, a tarefa da Geografia seria dupla: fazer a análise genética das

13 ARRUDA, G. *Cidades e sertão*, 2000. p. 175.

14 DEAN, W. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. DRUMMOND, J. A. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói, RJ: Eduff, 1997. ESPÍNDOLA, H. S.; WENDLING, I. J. Elementos biológicos na configuração do território do rio Doce. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 177-197, jan./jun. 2008.

15 CARVALHO, E. B.; NODARI, E. S. A percepção na transformação da paisagem: os agricultores no desflorestamento de Engenheiro Beltrão – Paraná, 1948-1970. *História*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 262-287, 2007.

16 Dos geógrafos alemães, Sauer tomou o conceito de paisagem cultural, enquanto da escola francesa de Vidal de La Blache, absorveu a abordagem histórico-regional. Tais influências são compatíveis com posições de historiadores destacados dos *Annales*, a começar por Lucien Febvre e Marc Bloch.

paisagens e entender as interações entre culturas humanas e o meio no qual elas se reproduzem. A única diferença entre estudar o passado ou o presente seria que, neste caso, o geógrafo contaria com mais dados para análise do que naquele. Conforme Sauer, o objetivo do geógrafo não poderia ser outro senão reconstituir as paisagens do passado por meio de evidências materiais das atividades humanas, dos documentos guardados nos arquivos e do trabalho de campo.¹⁷

Na Geografia Histórica de Sauer, o conceito-chave é o de “paisagem cultural”. As paisagens culturais correspondem aos processos de modificação das paisagens naturais (áreas anteriores às atividades humanas) por meio das ações e obras dos grupos sociais, povos e civilizações. Conforme as palavras do geógrafo norte-americano, “a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado”.¹⁸ Por conseguinte, a paisagem do presente é a consequência histórica da interação entre a cultura e o ambiente, a materialização no espaço de determinado complexo cultural que recobre uma área cujos elementos mais visíveis são os objetos, os complexos técnicos e os padrões da economia.¹⁹ A expressão geográfica específica da paisagem cultural corresponde às pastagens, madeiras e minas; de um lado as terras produtivas, e de outro, as moradias, oficinas e armazéns.

A reconstituição de paisagens do passado envolveria três etapas: a) o conhecimento do funcionamento da cultura em sua totalidade; b) o conhecimento das evidências contemporâneas à cultura em questão; c) o conhecimento do terreno, isto é, do meio físico que a cultura ocupou. A leitura da paisagem do geógrafo/historiador deveria se basear nos relatos e descrições históricas, nas entrevistas com indígenas e camponeses da região para registrar a memória sobre a paisagem do passado mais próximo, bem como nas observações diretas do presente.²⁰ Sauer se voltou principalmente para identificar as “relíquias culturais” (sobrevivências culturais, isto é, instituições, técnicas e artefatos que perduram e recordam formas antigamente

17 SAUER, C. O. *Foreword to Historical Geography*. Disponível em: <http://www.colorado.edu/geography/giw/sauer-co/1941_fhg/1941_fhg_body.html>. Acesso em: 20 out. 2013.

18 SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998. p. 12-74.

19 Nesse sentido, a paisagem cultural é o equivalente saueriano da noção de “gênero de vida” de Pierre Vidal de La Blache e da geografia francesa.

20 MATHEWSON, K.; SEEMANN, J. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 71-85, jan./jun. 2008. p. 83.

dominantes),²¹ tarefa que envolvia o levantamento e estudo de elementos como: o plano dos povoados; os padrões de cultivo agrícola; a distribuição de variedades de cultivos nativos como indicador de difusões culturais; as formas antigas de animais e plantas domésticas; as formas antigas de derrubar troncos e entalhar madeira; as técnicas de moagem, tração animal e força hidráulica; a sobrevivência de velhas formas de transporte; a investigação de formas fósseis (alterações de solos antigamente cultivados, antigas plantas domésticas que se tornaram selvagens, ruínas, sulcos antigos etc.); e o trabalho com memória e relatos (toponímia, folclore, diferenças dialetais e memória dos mais velhos).

3 A PAISAGEM SUL-MINEIRA EM MEADOS DO SÉCULO XIX

Para os habitantes e os homens de imprensa da província de Minas Gerais, o chamado “Sul de Minas” equivalia aos terrenos entre a Mantiqueira e o arco formado de sudeste a oeste pelo Rio Grande. Era, portanto, o conjunto de terras banhadas pelos rios Grande e Sapucaí, que, em meados do século XIX, estava dividido em oito comarcas, a saber: Rio Verde, Jaguari, Sapucaí, Cabo-Verde, Baependi, Três Pontas, Itajubá e Jacuí.²²

Parte destas terras foi percorrida pelo naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire nos primeiros anos da década de 1820. Nessa época, a ocupação da região ainda era muito incipiente, razão pela qual o relato do botânico francês pode ser tomado como descrição da área natural do Sul de Minas. Saint-Hilaire visitou áreas da Serra do Ibitipoca, Aiuruoca, Carrancas, Baependi, Pouso Alto e Registro da Mantiqueira.²³ A variação contínua de montanhas, vales, matas e vargens impressionou Saint-Hilaire.²⁴ Os solos também eram muito diversificados: terrenos argilosos, arenosos, carrascais e rochosos. Segundo o viajante, “às matas virgens sucedem-se carrascais muito cerrados e copados, que se compõem de uma quan-

21 As paisagens culturais do passado foram concebidas por Sauer à semelhança da Ecologia: haveria uma sucessão de culturas cujo padrão geral seria similar à sucessão ecológica. O povoamento de um território far-se-ia em estágios cultural-tecnológicos sucessivos, sucessão imprevisível, dependente de inúmeras variáveis (como a difusão cultural), portanto contingente.

22 VEIGA, B. S. da. *Almanach Sul-Mineiro para 1874*. Campanha: Typographia do Monitor Sul-Mineiro, 1874. p. 21-22.

23 SAINT-HILAIRE, A. de. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo* (1822). Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2011.

24 Conforme Saint-Hilaire, “os brasileiros [...] dão este nome [de vargem] a todas as planícies úmidas que se encontram entre montanhas, nos lugares de mata virgem. São vales muito largos, ou o ponto de encontro de muitos vales”. SAINT-HILAIRE, op. cit. p. 26.

tidade de árvores de diferentes espécies e principalmente arbustos”.²⁵ O panorama regional é sintetizado nas palavras do botânico oitocentista da seguinte forma:

A paisagem que percorri [...] é montanhosa e apresenta ainda pastos nas alturas e bosques nas baixadas. Em muitos lugares é o terreno pedregoso. [...] Nas partes mais elevadas, os pastos compõem-se, principalmente, de gramíneas e oferecem muito poucos subarbustos. À medida que o solo se abaixa, e fica mais úmido, as plantas lenhosas tornam-se mais comuns, enfim, nos fundos e vizinhanças de matos, o terreno mostra-se coberto de arbustos e principalmente de uma composta. [...] Nas altas montanhas da Mantiqueira [existem] profundos vales, cumes escarpados, florestas majestosas.²⁶

Na paisagem “original” do Sul de Minas, as matas predominavam no fundo – os capões de matas – e nas encostas dos morros, enquanto os campos naturais se estendiam nas elevações das serras, formados abundantemente pelo capim-flecha. Nas vertentes e cumes da Serra da Mantiqueira havia grande quantidade de araucárias (*Araucaria angustifolia*) que marcavam os limites entre matas e campos. Os terrenos elevados das serras eram muito ásperos e pedregosos, carrascais formados de areia pura e rochas escorregadias; nas partes mais baixas, o solo se tornava mais úmido, menos quartzoso, contendo uma mistura de areia branca e húmus pardacento. Nas montanhas, os rios corriam em leitos de pedregulhos e possuíam muitas cachoeiras. No entanto, nos planaltos eles corriam mais largos e calmos sobre leitos barrentos, e, como informou Bernardo Saturnino da Veiga:

O rio Sapucaí, em geral, forma em suas margens um extenso terreno de aluvião, que todos os anos se renova em razão das caudalosas enchentes que seu leito apresenta. As matérias vegetais decompondo-se formam-se pântanos terríveis, uma abundância de turba cheia de areia ou sedimento térreo que este rio em sua impetuosidade rola, neste distrito de altas montanhas, são em geral o que compõe as aluviões do Sapucaí.²⁷

Esta característica era comum a muitos rios da região como Muzambo, Cabo-Verde, Mandu, Sapucaí-Mirim e Turvo. Por isso, as populações ribeirinhas eram continuamente assoladas pela malária, ocorrendo algumas epidemias mais graves da doença, como a do ano de 1932, em Alfenas. O jornal *O Alfenense* publicou a seguinte notícia sobre este surto:

²⁵ Ibidem, p. 31.

²⁶ Ibidem, p. 45, 46 e 62.

²⁷ VEIGA, B. S. da. *Almanach Sul-Mineiro para 1874*, p. 24.

Infelizmente, um surto generalizado de malária assolou as zonas marginais aos numerosos rios que cortam o nosso território, registrando-se cerca de dois mil casos confirmados. A Prefeitura, ao irromper o mal, tomou providências imediatas para combatê-lo [...], ministrando, *in loco*, tratamento específico aos doentes [...], na maioria camponeses pobres, salaristas, [...] com fornecimento de medicamentos, alimentação e agasalho.²⁸

As fazendas do Sertão do Jacuí e da área de Alfenas, dedicadas tanto à engorda de boiadas originárias de Goiás e Mato Grosso como à criação de gado *vacum* destinado ao Rio de Janeiro, eram estabelecimentos rústicos: grandes pastos naturais de capim-flecha, divididos por valas profundas para o gado não as saltar, pequenos currais feitos com madeira de lei e cobertos de sapé, casa de morada térrea com chão batido, poucas ferramentas e mobília. Nelas também havia milharais para complemento da alimentação do gado nos currais. Ao redor da casa, costumava existir muro de pedra solta. Dessas casas há descrição precisa do brigadeiro Raimundo José da Cunha Matos, que atravessou parte do sudoeste mineiro em 1823. Segundo o militar português:

No meio do edifício está a sala, com uma grande mesa para comer e alguns bancos ou mochos; por cima da cabeceira da mesa fica um pequeno oratório cheio de imagens; à roda da sala estão penduradas as pontas de veados e servem de cabides e guarda-roupas. Aos lados da sala ficam quartos de dormir, e no fundo da mesma sala [...] a porta que vai para o pátio, onde está a cozinha. As casas são feitas de pau a pique e varas atravessadas: em lugar de pregos serve o delgado cipó; bem poucas são forradas no teto, posto que alguns quartos tenham uma espécie de cobertura de taquara, em que às vezes tem vários ornatos. Estes quartos têm leitos ou catres ou jiraus: os primeiros são de madeira como os das terras da beira-mar. Os catres, em vez de tábuas, têm couros crus, e os jiraus são varas descansadas em travessas, que estão sobre forquilhas cravadas no chão. Quase todos os quartos apenas admitem um mocho além do catre ou leito; e os colchões são de pano de algodão cheios de palha de milho feita em tiras. Observei que no sertão põe-se nas camas unicamente, além dos lençóis, uma coberta de chita ou algodão.²⁹

Nessas fazendas de gado, os proprietários conservavam capões de matas que serviam “não só para se fazerem roçados, mas também neles se recolhe o gado no tempo do calor para se livrar do sol e da mutuca (moscardo) que o persegue. O maior número dos capões é dos pouco extensos”.³⁰

28 O ALFENENSE, n. 51, p. 3, 20 jun. 1931.

29 MATOS, R. J. da C.. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas Gerais e Goiás*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2004. p. 69.

30 *Ibidem*. p. 31.

Os terrenos mais úmidos e férteis das vargens abrigavam lavouras diversificadas: milho, cana, feijão, algodão, fumo, mandioca, arroz, batatas e hortaliças. Este era o quadro nas vertentes do Sapucaí, onde, segundo Saturnino da Veiga, a “agricultura floresce; matas virgens cheias de jequitibás, sobragis, paineiras etc., bastam para o distintivo de terrenos produtivos”.³¹ Assim, conforme Cunha Matos, muitas casas tinham

os seus monjolos para triturar o milho, de que se faz uso em farinha (fubá) ou em canjica. Os monjolos são fornecidos de água por via de regos tirados de açudes que se fazem nos córregos ou ribeirões. A taquaraçu, que tanto é útil para fazer muito compridas e muito leves escadas de mão, também serve de tubo para conduzir água das fontes para algumas casas.³²

Aos monjolos e moinhos devem ser juntados os teares e as rodas de fiar. A produção de panos grossos de algodão foi atividade destacada na região até a década de 1870, realizada principalmente nas casas de fazenda pelas mulheres livres e escravas.³³ Na indústria doméstica de panos, o fio de algodão ou de lã de carneiro era preparado em rodas de fiar feitas com madeira. O pano, por sua vez, era habilidosamente tecido em teares manuais também construídos com madeira. A tintura dos panos empregava diversos tipos de raízes, cascas ou folhas de árvores – como o ipê, o coqueiro, o pau-brasil, a quaresminha etc. –, terras e argilas.³⁴

Estas fazendas de produção diversificada na porção central e oriental do Sul de Minas foram descritas por Saint-Hilaire nos seguintes termos:

Um muro de pedra seca, mais ou menos da altura de um homem, rodeia em parte um pátio muito vasto, no fundo do qual ficam enfileiradas, umas ao lado das outras, as casas dos negros, as pequenas construções, que servem de depósitos e locais de beneficiamento dos produtos agrícolas, e a casa do dono. Esta, feita de terra e madeira, é coberta por telhas de barro e compõe-se unicamente de um pavimento. A sala é a primeira peça quando se entra. Tem como único mobiliário a mesa, um par de bancos e uma ou duas damas de pau. [...] Não devo, também, esquecer de dizer que se entra no pátio por uma das portas a que se chama porteira, também empregada para fechamento dos pastos.³⁵

31 VEIGA, B. S. da. *Almanach Sul-Mineiro para 1874*, p. 25.

32 MATOS, op, cit. p. 29.

33 LIBBY, D. C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

34 HORVÁTH, E. E. *Carmo do Rio Claro: cento e trinta anos de emancipação política (1887-2007)*. Carmo do Rio Claro, MG: O Artesanal, 2008.

35 SAINT-HILAIRE, A. de. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo*, 2011. p. 46.

O manejo dessas fazendas policultoras possuía uma “racionalidade acidental”.³⁶ A associação entre arroz, milho, feijão e tabaco deixava o solo praticamente coberto o ano todo, com os restos dos cultivos anteriores servindo como adubo natural para a lavoura seguinte. As pastagens, por sua vez, implicavam em uma maior cobertura do solo. O pousio das áreas policultoras possibilitava menor perda de nutrientes do solo, que podiam ser repostos por seu descanso ou pela adubação natural gerada pelos rebanhos.

Conforme Carlos Lemos, as fazendas sul-mineiras oitocentistas constituem uma tipologia arquitetônica própria, por causa de seu estilo e técnica construtiva. O arquiteto paulista escreveu que as sedes das antigas fazendas da região:

Têm como partido generalizado uma planta quase sempre quadrada e elevada do solo, guarnecida de um apêndice para os cômodos de serviço doméstico que acaba definindo uma implantação na forma da letra L. Fazendas surgidas do retalhamento de inúmeras sesmarias, onde os herdeiros simplesmente copiaram seus anteriores, sendo raras as novidades technoconstrutivas. Foi essa a arquitetura matriz das sedes das fazendas de café da região capitaneada por Campinas, praticamente devassada no início do século XIX por mineiros [da Comarca do Rio das Mortes].³⁷

Estas sedes de fazendas, sem varandas, possuíam estrutura autônoma de madeira apoiada sobre alicerces de pedra, com paredes de pau a pique fechando os vãos. Conforme Marcos Ferreira de Andrade:

As sedes das fazendas eram quase sempre construídas no sopé dos morros, próximas às quedas d’água, destinadas a fornecer força hidráulica para os moinhos, monjolos e engenhos. Além da casa de vivenda sede da propriedade, e das senzalas, havia uma série de benfeitorias que permitiam o funcionamento da fazenda, como paióis, casas de tropa, moinhos, monjolos, estrebarias, chiqueiros etc. A rusticidade foi a marca dessas construções, que utilizavam-se do material disponível na região, ou seja, madeiras, pedras, cipós etc.³⁸

Os monjolos eram feitos de madeira, com engastes e encaixes em madeira nos braços e suportes do instrumento usado para pilar grãos. Os moinhos

36 GIOVANINI, R. R. *Regiões em movimento: um olhar sobre a Geografia Histórica do Sul de Minas e da Zona da Mata Mineira*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. p. 89-90.

37 LEMOS, C. A. C. Prefácio. In: CRUZ, C. F. *Fazendas do Sul de Minas*. Brasília: Iphan/Programa Monumenta, 2010. p. 10.

38 O historiador Marcos Ferreira de Andrade observa que, sobretudo em função da influência da Corte, houve uma tendência de refinamento e de mudança para uma vida com mais conforto nos Oitocentos, sem romper, todavia, com os padrões tradicionais e rústicos da cultura material regional. ANDRADE, M. F. de. *Elites regionais e a formação do Estado Imperial brasileiro*: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008. p. 122.

das farinheiras e os moinhos d'água tinham suas rodas, eixos e peças fabricados em madeira. No caso do moinho de fubá, empregavam-se pedras cuidadosamente cortadas e polidas nas mós que trituravam o milho. Os moinhos ficavam em casinhas feitas de estrutura de madeira sobre base de pedra, fechadas com vedos de pau a pique. A respeito dos engenhos de cana no Sul de Minas, informou o magistrado Francisco de Paula Ferreira de Rezende:

Em fins de 1842 ou no começo de 1843, meu pai [...] havia comprado a meu avô a fazenda do Saco [próxima à serra das Águas Virtuosas]. [...] Tinha nela estabelecido todos os maquinismos os mais aperfeiçoados que existiam naquele tempo para o preparo da cana. [...] Até aquele tempo não se conheciam, pelo menos em Minas, outros engenhos que não fossem todos de madeira e todos em pé; [...] foi meu avô um dos primeiros, senão o primeiro fazendeiro daqueles lados, que não só fez naquela fazenda um engenho deitado; mas que ainda o fez de ferro. [...] Para que realizasse um semelhante melhoramento, teve meu avô de mandar fundir na fábrica de ferro do Ipanema, em Sorocaba, três cilindros ociosos, que depois de terem vindo em burros e com alguma dificuldade, foram ajustados sobre moendas de pau.³⁹

A rusticidade dos moradores do município de Alfenas na segunda metade do século XIX é indicada pela amostra de setenta inventários do período 1855-1897, cujos dados relativos à cultura material aparecem na Tabela 1:

Tabela 1 – Elementos da cultura material em Alfenas (1855-1897)

Itens	Nº de domicílios	Porcentagem
Jóias e objetos preciosos (talheres, rosários, jóias etc.)		
Ouro	18	25,7
Prata	16	22,8
Louça	10	14,3
Biblioteca e objetos de arte (pinturas e instrumentos musicais)	2	2,9
Móveis (fora bancos, catres, mesas, caixas e tamboretas)		
Rústicos	38	54,2
Luxuosos	23	32,8
Instrumentos de trabalho		
Ferramentas (machados, foices, enxadas, pás etc.)	54	77,1
Aparelhos e máquinas (teares, rodas de fiar, fornos etc.)	35	50
Carros de boi, carroças e carruagens	28	40
Casas de morada		
Casas simples	51	72,8
Casas de vivenda cobertas de telhas	8	11,4
Sobrados envidraçados, assoalhados e cobertos de telhas	3	2,8

Fonte: Inventários do Juízo de Órfãos e Ausentes de Alfenas. Vara de Família e Sucessões do Foro de Alfenas. Alfenas, MG.

39 REZENDE, F. de P. F. de. *Minhas recordações*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987. p. 246.

Rusticidade da vida rural que convivia com pequenos luxos nas casas de grandes fazendeiros: louças importadas, móveis torneados em madeira de lei, talheres e castiçais de prata, copos de cristal, relógios de ouro etc. Luxos mais modestos que os de seus congêneres sanjoanenses.⁴⁰

As estradas regionais no século XIX eram simples caminhos de tropas. As quatro mais importantes eram as do Comércio, Picu, Itajubá e Samambaia. Mesmo a principal delas, a estrada do Picu, que ligava a Corte a Campanha, permaneceu precária e praticamente intransitável na época de chuvas. As caravanas de mulas escorregavam nas pedras das subidas e descidas de serras e, nas partes baixas dos caminhos, embaraçavam-se em areais ou em lameiros. As pontes eram estreitas e mal conservadas, e os ranchos, modestos. Francisco de Paula Ferreira de Rezende, referindo-se aos anos 1840-1850, escreveu:

As estradas estavam cheias de atoleiros; e se se fugia do caminho mais trilhado para procurar um desvio que parecia estar um pouco melhor, era logo um – Nossa Senhora – e ventas na lama; e meu pai logo a dizer: — Nunca fuja do trilho dos burros. Quanto às serras, isto nem é bom falar. Nelas a estrada pode-se dizer que era rosário de caldeirões.⁴¹ [...] [Nas estradas, o viajante] não sabia onde iria comer; dormia em ranchos abertos ou mesmo ao relento.⁴²

O *Almanach Sul-Mineiro para o ano de 1874* se queixava do mau estado das estradas da região: “trilhas feitas a casco de animal e conservadas pelo sol”, caminhos “grosseiros e péssimos”.⁴³ O transporte por tropas de muires era complementado pela navegação fluvial em trechos consideráveis dos rios Grande, Sapucaí e Verde, por meio de canoas e ajôjos impulsionados por varas e remos, com capacidade de carga de 200 a 500 arrobas.⁴⁴ O Sul de Minas em meados do século XIX é esboçado na Figura 2:

40 Ver a respeito desse aspecto nos inventários de São João del Rei: GRAÇA FILHO, A. de A. *A Princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais*: S. João del Rei (1831-1888). São Paulo: Annablume, 2002.

41 Caldeirões eram regos que atravessavam as estradas de lado a lado, abertos pelas enxurradas, muitas vezes profundos, que impediam a marcha dos animais de carga e montaria.

42 REZENDE, F. de P. F. de. *Minhas recordações*, 1987. p. 106-107.

43 VEIGA, B. S. da. *Almanach Sul-Mineiro para o ano de 1874*, p. 36.

44 Para maiores informações sobre a navegação no Sul de Minas, ver: MARTINS, M. L. Uma história da navegação a vapor no Sul de Minas (1880-1960). In: SAES, A. M.; MARTINS, M. L. (Org.). *Sul de Minas em transição: a formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru: Edusc, 2012. p. 209-238.

A presença em todos os municípios selecionados de engenhos de ser-rar mostra, em primeiro lugar, a existência de muitas áreas de mata virgem em cada um deles, em segundo lugar, que a extração comercial de madeira para fazer tabuados constituía atividade econômica relevante na região. Nessa época, os próprios mercados locais eram o destino da maior parte da madeira extraída. O mesmo se pode pensar em relação às olarias, marcenarias e ferrarias.

O uso da terra na região seguia padrão característico, observado por Saint-Hilaire e Cunha Matos no início do século XIX: as lavouras eram plantadas nas baixadas, os pastos abertos na meia-encosta. Este padrão ainda vigorava em muitos municípios no alvorecer do século XX, como mostram trechos de memorialistas e depoimentos de moradores idosos. Vejam-se a propósito as memórias de Campanha, Cambuí e Alfenas:

[Em 1841] meu pai comprou, em Santana do Sapucaí, uma fazenda denominada Coroado; nós para ela mudamos. [...] A minha vida ali se reduziu a isto – ver todos os dias os mesmos objetos e fazer todos os dias as mesmas coisas. [...] [A Fazenda do Saco] colocada a pouca distância da serra das Águas Virtuosas e ocupando a vertente oriental do serrote do Joaquim Inácio, [...] possuía uma boa aguada e era cortada por um ribeirão que julgo denominar-se S. Bento, compunha-se de campo e mato. O campo era excelente, as terras magníficas.⁴⁶

O sítio do meu avô era banhado pelo rio das Antas [afluente do Sapucaí-Mirim] na parte das vargens, onde todo ano se plantavam arrozais. O rio derramava suas águas na época das chuvas, alagando as vargens de todas as propriedades do município. [...] Quando a enchente acabava, os arrozais viçavam e amadureciam [...]. Depois vinha a safra do arroz, carros de boi subindo e descendo os vargedos, transportando o arroz com casca para a cidade. Logo em seguida, vinha a abanação e limpeza em peneiras, trabalho feito pelas mulheres e, depois, a secagem nas calçadas. O gado de corte era solto nas invernadas campeiras, nos tabuleiros próximos aos córregos. O gado leiteiro era tratado em cocheiras nos currais das fazendas.⁴⁷

Meus pais eram pequenos proprietários em Tomé [Alfenas]. No Cabo Verde a gente pescava. Havia também exploração de areia. Os areiros tiravam areia de dentro do rio com canoa e traziam para a cidade. Naquela época [anos 1940], usava plantar nas várzeas e fazer pasto nas encostas. Não tinha plantação no seco. Arroz, milho, feijão, tudo era na beira do rio. Quando as pastagens secavam, o gado era trazido para as várzeas.⁴⁸

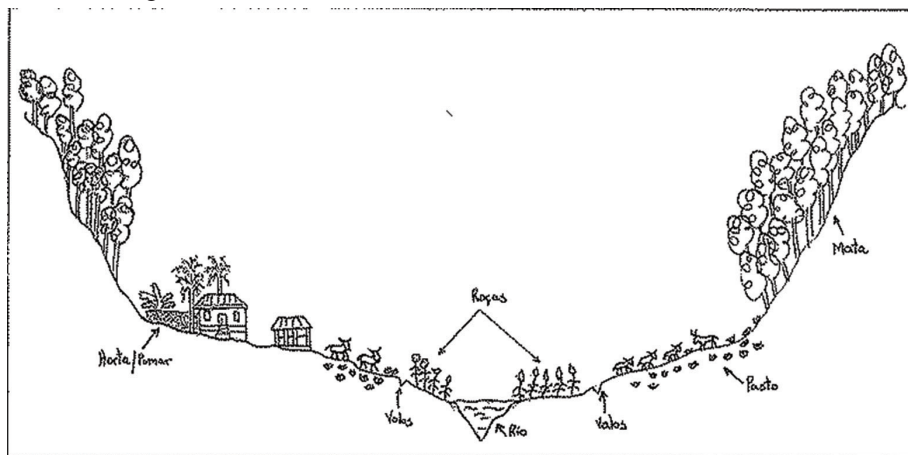
46 REZENDE, F. de P. F. de. *Minhas recordações*, 1987. p. 134-135 e 246.

47 LAMBERT, M. *Cambuy: terra dos três João*. Valença, RJ: Editora Valença, 1977. p. 8-9.

48 SILVA SOBRINHO, A. C. da. *Depoimento* [maio 2010]. Entrevistador: Marcos Lobato Martins. 1 cassete sonoro, 60 minutos. Depoimento de Antônio Camilo da Silva Sobrinho, contabilista, jornalista e vereador em Alfenas nos anos 1970, 75 anos de idade.

As porções de terreno mais íngremes e os topos dos morros eram deixados como reservas florestais, cobertas de matas, destinadas a fornecer lenha e madeira para suprir as demandas das propriedades. Essas reservas também eram usadas como áreas de caça e coleta de frutos, raízes e essências vegetais empregadas na culinária regional e na farmacopeia popular. As plantações utilizavam os terrenos próximos aos cursos d'água e o gado era criado em pastos abertos nos tabuleiros e na meia-encosta.⁴⁹ Este padrão de uso do solo é esquematizado no diagrama a seguir:

Figura 3 – Perfil de uso do solo nas zonas rurais, Sul de Minas, século XIX



Fonte: Elaboração do autor.

No Sul de Minas oitocentista o sistema de agricultura permanecia tradicional, assentado em processos de manejo das terras típicos da agricultura colonial. Na amostra de setenta inventários de moradores da Vila de Alfenas do período de 1850-1897 não se encontrou sequer um único registro de arado, de motor a vapor ou de máquina agrícola. As memórias regionais mencionam apenas a coivara e o rodízio de lavouras. Em 1874, o juízo de Bernardo Saturnino da Veiga sobre o estado da agricultura sul-mineira foi tão ácido quanto incisivo: “o atraso em que vivem os nossos lavradores sobre

49 No inventário da Baronesa de Varginha, D. Mariana Bárbara da Conceição, a descrição da Fazenda São Diogo, de 560 alqueires, situada nas margens do Sapucaí, no povoado de Pouca Massa (município de Santo Antônio do Machado), confere exatamente com esta tipologia de uso do solo. A referida fazenda foi doada pela baronesa para seus ex-escravos, em 18 de julho de 1888. Inventário da Baronesa de Varginha, 1895. Cartório do 1º Ofício de Registro de Bens Imóveis de Varginha. Varginha, MG.

o uso dos novos e excelentes processos agrícolas”. Daí a citação do Visconde do Uruguai nas páginas do *Almanach Sul-Mineiro*, feita em tom de advertência às elites proprietárias regionais, que se transcreve a seguir:

O nosso sistema de agricultura [...] não concorre pouco para a dispersão da população. Derrubadas e queimadas as florestas, aproveitada a uberidade das camadas superficiais da terra, estrumadas pelo tempo, o agricultor, considerando esterilizado o terreno, porque exige maior trabalho e outro sistema para recuperar a fertilidade, muda-se em busca de terrenos virgens, e portanto dispersa-se.⁵⁰

Enfim, por volta de 1870, as paisagens rurais da região da antiga Vila de Alfenas se constituíam de um emaranhado de fazendas e sítios dispersos, localizados a pouca distância de trilhas de tropas burriqueiras com as sedes instaladas próximas aos córregos e rios, relativamente bem providas de monjolos, moinhos, fornos, teares e rodas de fiar, com terrenos de lavoura nas várzeas e campos de pasto nos tabuleiros ou meia-encosta. Nos topos dos morros, as matas fechadas ainda resistiam. No centro dessa trama esgarçada de unidades agropecuárias, pequenos núcleos urbanos concentravam os ofícios mecânicos, o comércio e os serviços administrativos e religiosos. Tanto na roça como na cidade, casas de morada, benfeitorias, oficinas e edifícios públicos se erguiam com pau a pique e eram cercados por muros de pedra solta ou de adobe.

Ao se referir à Santa Bárbara das Canoas (atual Guaranésia), o jornalista campanhense tomou aquela localidade como imagem típica das aldeias que formavam o “país” do Sul de Minas, o “mimoso jardim da natureza, quase arrabalde do céu”, que ele desejava tornar província autônoma:

Um templo consagrado à divindade, algumas casinhas erguidas junto dele, a rua erma de povo que saiu para cultivar a terra, a corrente graciosa de um rio, e mais longe campos em que pasta o gado e matas que o lavrador converteu em formosa seara, eis o que as mais das vezes é uma aldeia no extremo sul da província de Minas.⁵¹

4 AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM GERADAS PELO AVANÇO DO CAFÉ E DA POPULAÇÃO

No ano de 1927, a serviço do Departamento de Botânica do Estado de São Paulo, o cientista Frederico Carlos Hoehne, chefe da Seção de Botânica

50 VEIGA, B. S. da. *Almanach Sul-Mineiro para o ano de 1874*, p. 152.

51 *Ibidem*. p. 361.

do Museu Paulista, percorreu partes do território de Minas Gerais em duas excursões distintas. Na primeira, em janeiro, ele visitou a zona atravessada pela Estrada de Ferro Oeste de Minas. Na segunda excursão, realizada de meados de abril a junho, Hoehne visitou a região sul-mineira. Esteve em Passa Quatro, Soledade, Itajubá, Piranguinho, Paraisópolis, Pouso Alegre, Estiva, Ouro Fino e Jacutinga.⁵²

Relativamente às paisagens primitivas da região sul-mineira, Hoehne escreveu que os indícios por ele encontrados sugeriam que havia três domínios distintos. Nos topos da Mantiqueira, predominavam campos de altitude e matas de araucárias e podocarpos, com incrustações nas grandes rochas de muitas variedades de líquens, avencas, samambaias e orquídeas. Nas encostas da Mantiqueira e seus contrafortes, áreas altas e de relevo acidentado, estendiam-se formações florestais silvestres com manchas de campos naturais. Já no Planalto Mineiro, mais plano e distante da Mantiqueira, dominavam campos naturais com manchas de matas, os capoeirões.⁵³

A exuberância da floresta primitiva das terras altas da Mantiqueira se revelava aos olhos treinados do botânico por sinais mínimos. Na página 23 de seu relatório, Hoehne escreveu: “Jacarés [*Piptadenia communis*] e cedros isolados, novos ainda, permitiam-nos formar ideia do porte e grandeza das florestas que deveriam ter obumbrado essas encostas da Mantiqueira, no tempo em que por ali só andavam os brasilíndios”. No caminho de Pouso Alegre para Ouro Fino, Hoehne observou que “nas capoeiras nota-se que as primitivas matas deveriam ter tido boa representação de Araucárias; ainda agora erguem-se exemplares esparsos aqui e acolá, testemunhando-o” (p. 63).

Hoehne examinou campos naturais nas proximidades de Paraisópolis e Ouro Fino. Estes surgiam em colinas rasas, em terrenos sem rochas descobertas, constituindo manchas campestres nas quais predominavam vegetações rasteiras e poucas árvores esparsas, com destaque para o sassafrás (*Ocotea pretiosa*). Hoehne notou com tristeza que os campos naturais do Sul de Minas estavam sendo invadidos pelo capim-barba-de-bode (*Aristida pallens*).⁵⁴

Na região de Pouso Alegre, os campos naturais com capoeirões existiam nos terrenos mais planos, de solos ruins, e neles havia abundância de

52 O relatório dessas viagens foi publicado em 1939 na Coleção *Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil*. HOEHNE, F. C. *Excursão botânica feita pelo sul do Estado de Minas Gerais e regiões limítrofes do Estado de São Paulo, de 12 de abril a 9 de junho de 1927, precedida de referências a outras anteriores, nas serras do interior*. São Paulo: Departamento de Botânica do Estado, 1939.

53 *Ibidem*. p. 21-22.

54 HOEHNE, *op. cit.* p. 33.

brejos com espécies aquícolas e palustres. A própria cidade de Pouso Alegre se situava no meio de um desses campos, descrito no relatório de Hoehne (p. 52) nos seguintes termos: “Do lado oposto da planície alagadiça [do rio Mandu], em frente à cidade, o campo natural domina numa superfície de muitas léguas em quadro. Apenas esparsamente capões maiores ou menores surgiam ali em tempos passados”. Na mesma página, o botânico observou que esses campos eram ruins para a criação de gado, fazendo comparações com os pastos de capim gordura (*Melinis minutiflora*): enquanto nestes se podia engordar 10 vacas por alqueire, nos campos naturais de Pouso Alegre 3 vacas morreriam de fome em um alqueire, razão pela qual, também na região de Pouso Alegre e Estiva, eles eram crescentemente invadidos pelo capim-barba-de-bode. Quanto aos capões, Hoehne examinou um deles, o Capão do Meio, a 18 km de Pouso Alegre, na direção de Estiva. Sobre a fisionomia do capão, ele escreveu:

O interior da mata é mais ou menos limpo, conforme com a luz que nela penetra. Onde esta não tem acesso devido às árvores serem mais copadas, os cipós são erguidos, mas onde ela pode entrar de lado, os mesmos se conservam mais rasteiros e as ervas e arbustos formam a sub-mata, isso é o primeiro pavimento dela e então a passagem é mais difícil.⁵⁵

As numerosas lagoas existentes nos campos naturais do Planalto Mineiro maravilharam Hoehne. Sobre elas, o cientista escreveu: “existem grandes lagoas, que conservam água durante todo o ano e nestas proliferam milhares de plantas aquáticas e peixes de várias espécies, que atraem garças e outras aves que se alimentam dos mesmos e emprestam muita graça à paisagem” (p. 48).

A respeito do Rio Sapucaí, não há muitas anotações no relatório de Hoehne. As fotografias que constam no trabalho mostram as matas ciliares bastante diminuídas, bem como a presença de pastos e rebanhos até a linha ribeirinha. O rio, todavia, ainda se mostrava piscoso, pois Hoehne afirmou que os moradores das margens eram quase todos pescadores e faziam barragens para apanhar os peixes que desciam pela correnteza e, então, caíam sobre esteiras. Para construir essas barragens, o número de árvores sacrificadas era grande e toda essa madeira se perdia geralmente com a primeira enchente maior.⁵⁶

A discussão mais interessante que atravessa todo o relatório do botânico do Museu Paulista diz respeito às transformações das paisagens na-

⁵⁵ Ibidem. p. 60.

⁵⁶ As informações sobre o Rio Sapucaí se encontram entre as páginas 30 e 46 do relatório de Hoehne.

turais e seus fatores causadores. Hoehne é enfático quanto à escala dessa transformação:

Durante toda esta viagem [...] procuramos, mas não encontramos um reduto de mata verdadeiramente virgem, em qualquer dos pontos mais acessíveis visitados.

Raríssimas áreas cobertas de capoeiras de mais de dez anos que enxergamos. Por todos os lados, em todas as direções, até onde a nossa vista alcançava, da janela do carro, só vimos pastos artificiais de capim gordura ou Jaraguá, campos naturais, roças de milho, feijão, mandioca, arrozais e cafezais, ou então matagais feios, raquíticos, sem qualquer importância ou utilidade presente ou futura.⁵⁷

Estas alterações das paisagens agrárias sul-mineiras na virada para o século XX foram decorrentes de quatro dinâmicas principais, intimamente articuladas entre si: a) o crescimento demográfico regional; b) a introdução e expansão da cafeicultura; c) a modernização dos meios de transporte regionais; d) a modernização da pecuária sul-mineira.

John Wirth apontou o crescimento regional e o fortalecimento político do Sul de Minas no último quartel do século XIX. Entre 1872 e 1920, o Sul de Minas esteve entre as regiões com maior taxa de crescimento e alcançou, no Censo de 1920, a primeira posição em população do Estado – cerca de 20% da população mineira.⁵⁸ A população sul-mineira saltou de 260 mil habitantes, em 1872, para quase 730 mil, em 1907 e, no ano de 1920, alcançaria mais de 1 milhão de habitantes. O número de cidades passou de 17, em 1874, para 35, em 1907; em 1920, os municípios sul-mineiros já beiravam 50. Tal mudança refletiu o fortalecimento do mundo urbano, das atividades comerciais e dos aparatos políticos locais.⁵⁹ Formou-se, então, um conjunto de pequenas redes de cidades no Sudoeste mineiro, cujos lugares centrais eram Poços de Caldas, Pouso Alegre, Passos, Varginha, Itajubá e Alfenas. Gradativamente aumentou o número de estradas vicinais que ligavam distritos e povoados às sedes municipais. Nas zonas rurais cresceu significativamente o número de propriedades, principalmente em função do parcelamento de antigas fazendas e da incorporação ao tecido produtivo de áreas anteriormente pouco ocupadas.

57 HOEHNE, op. cit. p. 8 e 19.

58 WIRTH, J. *O Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 43.

59 SAES, A. M.; COSENTINO, D. do V.; GAMBI, T. F. R. Sul de Minas em transição: opção por uma regionalização como ponto de partida. In: SAES, A. M.; MARTINS, M. L. *Sul de Minas em transição: a formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru: Edusc, 2012. p. 31-33.

Nas primeiras décadas do século XX, uma das faces mais visíveis da pressão sobre a terra foi a extração de lenha para uso doméstico. Hoehne se assustou com os danos cumulativos que ela causava às paisagens sul-mineiras. O botânico registrou em pormenor o agitado comércio de lenha em Pouso Alegre, ilustrando com três fotografias (p. 50 e 51) a atividade na cidade. Conforme Hoehne, “as matas marginais do rio Sapucaí, em Pouso Alegre estavam sendo derrubadas e transformadas em lenha naquela ocasião em que as estudamos”.

Figura 4 – Transporte de lenha em Pouso Alegre



Fonte: F. C. Hoehne, *Excursão botânica feita pelo Sul de Minas...*, p. 51. A legenda original diz: “Um carrinho de lenha puxado por 6 juntas de bodes, levando o combustível das matas para a cidade”.

Outra face bem saliente do aumento da pressão sobre a terra nesta época foi a ampliação das derrubadas, que abriram cada vez mais terrenos lavrados para cereais, potencializando a ocupação das várzeas e baixadas. Como o sistema de agricultura (coivara) permanecera inalterado, Hoehne notou muitas áreas temporariamente abandonadas pelos lavradores, nas quais apareciam jovens matas secundárias, cheias de árvores de pequeno porte como sassafrás, frutas-de-lobo (*Solanum grandiflorum*) e canudos-de-pito (*Cassia bicapsularis*).

A pecuária sul-mineira também experimentou forte crescimento na virada para o século XX. Em torno de Alfenas, Passos, Pouso Alegre, Baependi, Extrema e Itajubá as áreas de pastos avançaram muito além dos limites dos campos naturais. Simultaneamente, os pecuaristas se preocuparam com a melhoria da qualidade dos rebanhos, introduzindo gado zebu, nelore e gir. Este gado mais exigente forçou a mudança da forragem. Em seu relatório, Hoehne exibiu uma fotografia da típica pastagem nas proximidades de Itajubá, em cuja legenda se pode ler: “Pastos artificiais de capim gordura, como se os encontra em toda essa região sul-mineira” (p. 27). Mais adiante, o botânico escreveu: “[...] apenas os pontos mais altos, os lugares inacessíveis apresentam ainda formações silvestres primárias. Todo o resto do terreno acha-se transformado em pasto de capim gordura, onde é criado gado zebu e mestiço de várias raças” (p. 36).

Figura 5 – Pastos de capim-gordura no Sul de Minas



Fonte: F. C. Hoehne, *Excursão botânica feita pelo Sul de Minas...*, p. 39. A legenda original diz: “Rebanho de gado mestiço, nos campos artificiais de capim gordura acima de Paraisópolis”.

O papel catalisador dos modernos meios de transporte na transformação das paisagens sul-mineiras não escapou a Hoehne. O transporte ferro-

viário adentrou o Sul de Minas para atender o comércio intenso que a região mantinha com o Rio de Janeiro e São Paulo. Isso ocorreu na década de 1880, por meio de quatro empresas: a Estrada de Ferro Rio Verde (posteriormente chamada de “Minas e Rio”), a Viação Férrea Sapucaí, a Estrada de Ferro Muzambinho e, já nos primeiros anos do século XX, a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Este sistema ferroviário registrou, no fim do século XIX, o maior crescimento no âmbito de Minas Gerais, impulsionado pelas receitas decorrentes do café, dos mantimentos e do gado produzido na região.⁶⁰ Nos anos 1890, iniciou-se a operação de companhias de navegação a vapor relativamente bem estruturadas nos rios Grande e Sapucaí, articuladas ao transporte ferroviário.⁶¹

O trânsito das composições ferroviárias e dos vapores no Sudoeste mineiro, além de dispersar na região estações e portos, turmas de conserva, fios de telégrafo, pontilhões e passagens de nível, demandou enorme quantidade de combustível vegetal. A propósito, Hoehne colocou em seu relatório fotografias de pilhas imensas de paus cortados nas margens das linhas férreas e escreveu trechos contundentes:

A estrada de ferro leva o progresso para os sertões de nossa terra, mas semeia e amplia também os desertos, porque nas fornalhas das suas locomotivas desaparecem as mais belas florestas nativas, de cujo replante ninguém se ocupa.

Mesmo das localidades inacessíveis por carros, automóveis ou trens de ferro, muita lenha e madeira é transportada em barcos e canoas até lugares onde pode ser apanhada por tais veículos. Restam, aqui e acolá, estreitas nesgas, capões pequenos e árvores esparsas.

Para apressar o desaparecimento das florestas concorrem as estradas de rodagem e as vias férreas, que estão sendo abertas para muitas regiões exclusivamente para facilitar a aquisição de madeira e lenha.⁶²

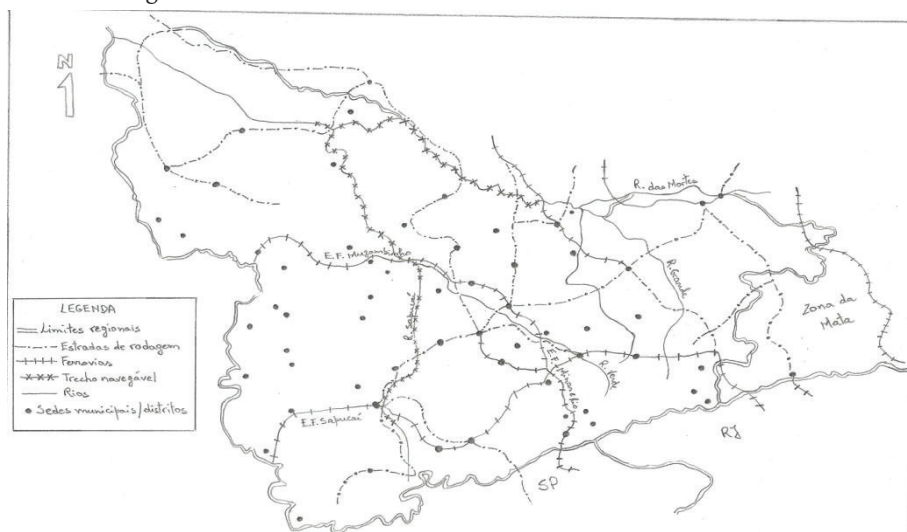
O Sul de Minas na primeira década do século XX é esboçado na Figura 6:

60 Conforme Peter Blasenheim, “entre 1890 e 1906, a rede sulista cresceu de 246 para 923 quilômetros, enquanto na Mata a Leopoldina acrescentou apenas 86 quilômetros à linha de Muriaé. [...] Desde 1884, a rede da Mata tinha diminuído de dois terços para um quarto do total mineiro”. BLASENHEIM, P. L. As ferrovias de Minas Gerais no século XIX. *Locus - Revista de História*, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 81-110, dez. 1996. p. 108.

61 Ver: MARTINS, M. L. Uma história da navegação a vapor no Sul de Minas (1880-1960). In: SAES, A. M.; MARTINS, M. L. (Org.). *Sul de Minas em transição: a formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru: Edusc, 2012. p. 209-238.

62 HOEHNE, op. cit. p. 21, 40 e 110.

Figura 6 – Sul de Minas em 1909



Fonte: Elaboração do autor, com base no Atlas do Barão Homem de Mello.⁶³

Somente a cafeicultura superou os meios modernos de transporte na alteração das paisagens regionais. A região recebeu muito bem a *Coffea arabica* em função de suas características fisiográficas. As áreas de montanha florestada sul-mineiras não experimentam calor excessivo, possuem boa exposição ao sol, umidade, chuva e noites relativamente frescas, propiciadas pela altitude: ambiente ideal para o crescimento dos cafeeiros.⁶⁴ Nessas encostas e montanhas cobertas de florestas, com altitudes acima dos oitocentos metros, a ocorrência de geadas – inimiga letal dos cafezais – não era comum. Com a valorização da rubiácea no mercado internacional, a “onda verde” dominaria o Sul de Minas entre os anos 1880 e 1920. Em 1890, as exportações de café do Sul de Minas equivaliam a 18,8% das exportações mineiras; em 1908, elas alcançaram um terço do total; em 1926, a região produziu 30% do café mineiro; na década de 1970, o Sul de Minas superou a Zona da Mata, respondendo por 50% da produção estadual.⁶⁵

O sistema de produção do café na região era tradicional: plantios lineares (as ruas de café ou renques) direcionados para a baixa vertente,

63 MELO, F. I. M. H. de. *Atlas do Brasil*. Rio de Janeiro: F. Briguet, 1909. 68 p.

64 DRUMMOND, J. A. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*, 1997. p. 97-101.

65 LIMA, J. H. *Café e indústria em Minas Gerais, 1870-1920*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

espaçamento de um metro entre as plantas na linha e de três metros entre as linhas, plantio direto a pleno sol e trato manual (sem adubação, com quatro capinas por ano). O café colhido – grãos secos, maduros e verdes misturados com folhas, ramos e terra – era peneirado para separação dos grãos, os quais eram levados para o terreiro onde secavam ao sol, revirados periodicamente com o uso de rodos. Após a secagem, os grãos eram levados para a pilagem, que fazia a separação entre a polpa e a casca. Os pilões eram movidos a água ou tração animal. Em seguida, o café era levado para a tulha, onde ficava armazenado e era ensacado.

Ao entrarem na produção de larga escala de café, muitas fazendas do Sul de Minas tiveram suas estruturas adaptadas, recebendo os terreiros e demais equipamentos do conjunto cafeeiro (tulha e casa de máquinas). “Além da adaptação das antigas instalações, houve também o surgimento de novas fazendas, ou novas casas em antigas fazendas, substituindo-se a velha técnica construtiva pelo uso da alvenaria portante de tijolos a partir da virada do século XIX para o XX”.⁶⁶ Os terreiros de café foram construídos junto às casas principais das fazendas, feitos de tijolos quadrados, com inclinação suficiente para escorrer a água e não escorrerem os frutos do café. Esses terreiros eram cercados por muros de pedra e adobe. As tulhas foram construídas de madeira, servidas por água para tocar o maquinário, que também era feito de madeira. À medida que a produção de café nas fazendas aumentou, o maquinário de madeira se tornou obsoleto e foi substituído por máquinas de ferro, trazidas de São Paulo por meio das companhias ferroviárias.⁶⁷ Os edifícios das tulhas/casas de máquinas passaram a ser construídos de alvenaria, com cimalthas de argamassa frisada, arcos plenos nas portas e janelas e telhados de duas águas. Também surgiram as colônias nas fazendas cafelistas, longas filas de casinhas, alocadas no caminho de entrada da fazenda, afastadas da casa principal, erguidas em alvenaria.

O decisivo é que a fazenda de café ampliou muitíssimo a escala do desmatamento e alterou o padrão de uso do solo no Sul de Minas. Os cafezais subiram os topos dos morros florestados, ainda bem cobertos por matas primárias e secundárias, derrubando-as. A esse respeito, as palavras de Hoehne foram precisas: “Das plantas cultivadas, ela [a rubiácea] é, no entanto, aquela que mais tem contribuído para a formação dos desertos desta parte do

66 CRUZ, C F. *Fazendas do Sul de Minas*. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2010. p. 36-37.

67 Muito raras no fim do século XIX, as máquinas Lidgerwood (despolpadores, ventiladores e separadores) tornaram-se mais presentes nas fazendas de café sul-mineiras a partir dos anos 1910.

Brasil”. Refletindo sobre o impacto da cafeicultura na região de Ouro Fino, Jacutinga e Sapucaí, o botânico do Museu Paulista escreveu:

Ondas verdes de cafeeiros semeadas de alvas casinhas de colonos e fazendeiros substituem hoje as bravias matas. Por entre os cafeeiros esparsas laranjeiras, abacateiros, pessegueiros e marmeleiros. Além pastos verdes-glaucos de capim gordura, onde pastam vacas e carneiros. Aqui e acolá uma rocinha de mandioca ou milho. Eis a obra do homem.⁶⁸

Se se acrescentar ao trecho do relato de Hoehne os ramais ferroviários, as cada vez mais numerosas estradas vicinais que desembocavam nas estações de trens e nos portos dos vapores, e as cidadezinhas que brotavam principalmente no oeste da região, ter-se-á uma perfeita descrição das paisagens rurais do Sul de Minas nas primeiras décadas do século passado. Paisagens nas quais o recuo das áreas florestadas ocorrera com grande velocidade, como mostra a Tabela 4, construída a partir das informações sobre estabelecimentos rurais recenseados em 1920:

Tabela 4 – Porcentagem de área de mata nos estabelecimentos rurais sul-mineiros, 1920

Sub-região sul-mineira*	% área de mata
Mantiqueira	26,1
Oeste	22,2
Planalto Mineiro	18,0

As sub-regiões são as descritas por Hoehne. Na construção da tabela, a sub-região Mantiqueira é integrada por Aiuruoca, Baependi, Caldas, Cristina, Extrema, Itajubá, Jaguarí, Maria da Fé, Ouro Fino, Paraisópolis, Passa Quatro, Poços de Caldas e Pouso Alto. A região Oeste é integrada por Arceburgo, Guaranésia, Guaxupé, Jacuí, Monte Santo, Muzambinho, Nova Resende, Passos e São Sebastião do Paraíso. O Planalto Mineiro é integrado por Alfenas, Cabo Verde, Campanha, Campestre, Campos Gerais, Carmo do Rio Claro, Lavras, Machado, Paraguaçu, Pouso Alegre, Santa Rita do Sapucaí, Silvianópolis, Três Corações, Três Pontas e Varginha.

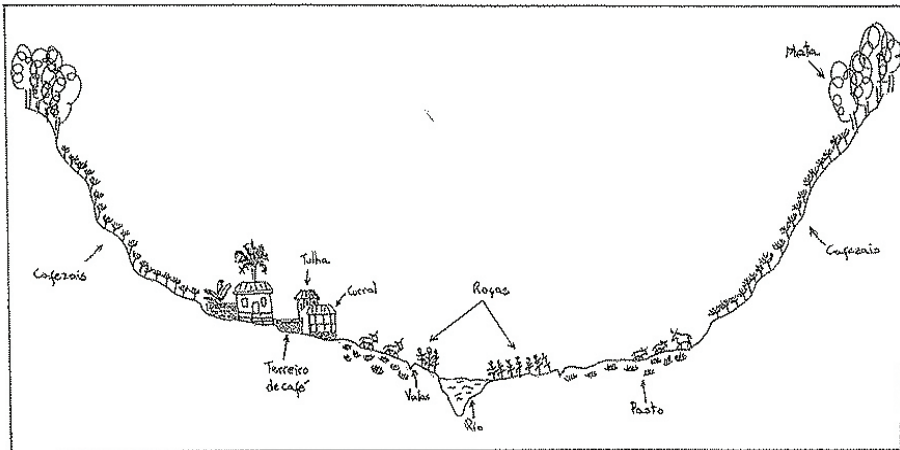
Fonte: MINAS GERAIS. Secretaria de Agricultura. *Minas Gerais segundo o Recenseamento de 1920*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924, p. 112 e ss.

O desmatamento era expressivo em todas as sub-regiões. Na região Oeste, a intensidade da recente ocupação da fronteira agrícola, comandada pela cafeicultura, fizera a floresta recuar depressa, quase ao nível das áreas de ocupação mais antiga do Planalto Mineiro. Na Serra da Mantiqueira e seus contrafortes, as características dos terrenos menos favoráveis à agropecuária preservaram um pouco mais a cobertura florestal.

68 HOEHNE, op. cit. p. 7 e 95.

No início do século XX, na área da antiga Vila de Alfenas, onde as zonas cafeeiras mais destacadas foram Machado, Areado e Fama, as fazendas não abandonaram de todo a lavoura de cereais nem a criação de suínos e bovinos.⁶⁹ Nessa região, o novo padrão de uso do solo é esquematizado na Figura 7:

Figura 7 – Padrão de uso do solo nas fazendas de café, região de Alfenas (1890-1920)



Fonte: Elaboração do autor.

Até os anos 1920, o avanço da cafeicultura no Sul de Minas não alterou o sistema agrícola regional. A forma de utilização do solo permaneceu extensiva e itinerante em matos coivarados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Sul de Minas, as paisagens “originais”, formadas por matas pujantes e manchas de campos naturais, foram transformadas pela agricultura e pela exploração de lenha e madeira. Na primeira metade do século XIX, a região se consolidou como importante área de produção agropecuária diversificada, salpicada de sítios e fazendas rústicos. Por causa da variação entre as épocas de plantio e colheita dos gêneros cultivados – a maioria de ciclo curto de plantio –, essas propriedades policultoras se caracterizaram pela relativamente baixa exposição do solo e pressão sobre os recursos naturais, fatos que o *Almanach Laemmert* de 1884 evidencia ao informar que todos os

69 MARTINS, M. L. Plantar, pasturar e fiar na Vila Formosa de Alfenas, MG: Décadas de 1850-1890. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 397-429, abr./jun. 2013.

municípios da região possuíam florestas extensas, grandes reservas de madeira, muita caça e rios piscosos. A combinação da paisagem natural com a policultura resultou em fazendas assentadas em condições de produção mais prolongada.

A partir dos anos 1890, os cafezais se expandiram rapidamente no Sul de Minas e produziram transformações substanciais nas paisagens rurais. Nas fazendas, a “onda verde” começou a cobrir quase completamente as encostas dos morros. Multiplicaram-se os terreiros de café, as tulhas e as casas de máquinas. A alvenaria substituiu o pau a pique na construção das novas sedes de fazendas, conjuntos cafeeiros e casas de colonos. O avanço do café impulsionou a ampliação da malha ferroviária e do trânsito de vapores nos rios Grande e Sapucaí, espalhando trilhos, telégrafos, pontilhões, estações, portos e armazéns na região. O café provocou o crescimento da população regional. Muitas cidades surgiram, outras experimentaram crescimento e modernização. O café trouxe consigo o calçamento de ruas, a eletricidade, o telefone, a construção de sistemas de abastecimento de água, teatros, praças e estradas ligando as cidades às estações ferroviárias. Os moradores citadinos foram expostos a novos hábitos e muitas novidades.

Se não houve alteração no sistema agrícola nem na estrutura fundiária por causa da expansão cafeeira, houve uma escalada nas pressões sobre o ambiente em toda a região. As florestas e os campos naturais sul-mineiros recuaram bastante. Sobraram tiras de matas ao longo dos córregos, manchas pequenas nas cristas dos morros ou nos pontos em que o terreno não oferecia vantagens à agropecuária. A monocultura cafeeira e a expansão dos pastos artificiais também reduziram a biodiversidade regional.

Artigo recebido para publicação em: 16/11/2014

Artigo aprovado para publicação em: 24/03/2014